SÓ OS HOMENS USAM FACAS: UMA LEITURA COMPARADA DA REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA NAS OBRAS *INOCÊNCIA*, DE VISCONDE DE TAUNAY E *CAPITÃES DA AREIA* DE JORGE AMADO.

Eliana Azevedo Sarmento[1]

Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão,
e este adormeceu: e tomou uma das suas costelas,
e cerrou a carne em seu lugar;
E da costela que o Senhor Deus tomou do homem,
formou uma mulher.

(Gênesis; 2:21-22.)

1.INTRODUÇÃO

A literatura e a sociedade são interdependentes e mantém relações que ora se aproximam, ora se afastam, dependendo da época literária. Os autores do Romantismo e do Modernismo promoveram em suas obras regionalistas um momento de aproximação entre a arte literária e a sociedade. Assim, é possível identificar nas obras desses períodos aspectos sociais que ajudam a entender como são representados certos segmentos sociais, que por vezes revelam a cosmovisão dos autores. A mulher é um desses segmentos que teve grande importância, sobretudo nas obras românticas. A análise comparada da obra Inocência de Visconde de Taunay e da obra Capitães da Areia de Jorge Amado revela a forma como as mulheres têm participado da sociedade de forma, às vezes, figurativa, apenas como coadjuvantes sociais.

O Romantismo e o Modernismo, embora separados por quase um século, guardadas as devidas proporções, são semelhantes. Tem em comum a intenção de descobrir e retratar as peculiaridades regionais do Brasil, o que os diferencia é a visada crítica de seus autores que, no Modernismo, acentuaram e radicalizaram a dimensão política de seus escritos.

[1] Mestranda do Mestrado em Estudos Literários da Fundação Universidade Federal de Rondônia.

Nessa dimensão social das obras, será abordada a questão da representação da figura feminina por um autor romântico e outro modernista: Visconde de Taunay e Jorge Amado. Para tanto, propõe-se uma análise comparada das obras Inocência e Capitães da Areia. Essa análise dará ênfase à construção da personagem feminina nos textos, comparando como cada uma em sua época se insere na sociedade representada nas obras.

No segundo momento da análise, devem-se estabelecer os limites entre literatura e sociedade, para só então passar à análise das obras. No primeiro instante as análises serão feitas separadamente para explorar as minúcias da construção da imagem da mulher, observando as peculiaridades de cada autor. Segue-se, então a análise comparada das obras, dando ênfase nas personagens Inocência e Dora, sem desprezar os aspectos linguísticos e simbólicos que as envolvem.

A análise dos aspectos estruturantes da narrativa, sobretudo do estudo da personagem, da linguagem e da maneira como cada autor trabalha o material literário de que dispõe, nortearam a leitura que se propõe, para a qual contribui a crítica feminista.

2. LITERATURA, MULHER E SOCIEDADE: UMA FACA DE DOIS GUMES

A literatura não é resultado de uma experiência individual, mas social, como afirma Rogel Samuel (2002, p.13) “a imaginação do mundo ideal problematiza a realidade do mundo real”. Os romances de cada período retratam, portanto, a sociedade não de forma fiel, mas recriam a realidade a partir da imaginação dos autores. Dessa forma, é possível reconhecer fragmentos de determinadas épocas, momentos históricos e práticas sociais. Isso se estende a todos os elementos que compõem a realidade e, consequentemente, á figura feminina.

Serão examinados dois romances de épocas diferentes no tempo, analisando a representação dessa figura feminina, contrapondo com as informações históricas, sociais, culturais que envolvem a atuação da mulher na sociedade. Contudo, não deixou de divisar o fato de que se trata de ficção, ou seja, um construto especial da linguagem que remete à cosmovisão de seus autores.

3. INOCÊNCIA E CAPITÃES DA AREIA: ANÁLISE DAS OBRAS

3.1 Inocência, Visconde de Taunay

A obra *Inocência* de Visconde Taunay é uma obra de cunho regionalista. Taunay coloca toda a sua experiência vivida em uma época que percorreu os sertões quando era militar misturando realidade com ficção, onde consegue alcançar um belo equilíbrio que pouquíssimos escritores conseguiram. Assim como os demais escritores regionalistas do Romantismo, ele tem a ideia de sair da corte para ambientar seu romance nas áreas rurais e mapear o Brasil, fornecendo um panorama mais amplo do país.

Em *Inocência* Taunay conta uma história de amor romântico, nela o autor documenta com uma elegante precisão muitos hábitos, crenças, costumes e tipos humanos do interior do sertão brasileiro, que surge como símbolo de nacionalidade, utilizando uma linguagem coloquial regional.

A trama do livro é simples e tipicamente romântica: Inocência, moça frágil, recatada e muito protegida pelo pai (Pereira), apaixona-se por Cirino, um curandeiro viajante, mas está prometida em casamento a Manecão, homem rude e violento. Instalado o triângulo amoroso, com tais vértices, espera-se um desfecho trágico que se confirma. Manecão, em duelo, mata Cirino. Inocência tomada pela tristeza, morre tempos depois. A partir dessa estrutura pode-se observar alguns aspectos relativos à representação da mulher na sociedade da época.

Inocência é a personificação da típica mulher romântica, ela sofre e vive um amor platônico, proibido que não pode ser concretizado e acaba morrendo. Nota-se que ela apresenta as características básicas das personagens escritas por homens. Inocência é jovem, bela, frágil, passiva e não possui escolarização.

Nesta obra pode-se perceber que a mulher tem pouca ação, mesmo sendo a protagonista da história pouco tem voz, semelhante ao que acontecia com a mulher da época. Inocência vive em um mundo sistematizado por homens, que decidem seu futuro, onde a autoridade máxima era o *pater famílias*. O próprio nome da protagonista reflete muito bem a condição da mulher, que vivia afastada de tudo sem conhecimento do mundo exterior.

No nome Inocência também pode ser notada a conotação do termo “pobrezinha” que Pereira faz com relação à filha que se encontrava doente. Percebe-se então a figura frágil que Inocência representa, ela seria o que se considera no Romantismo a figura de a *femme fragile,* (TAUNAY, 2004, p. 39):

> Apesar de bastante descorada e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante”. “Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno (....) Um colo de fascinadora alvura (...).

Segundo Arianne Tomalla (1972 apud STEIN, 1984, p.112) “este tipo de figura feminina sempre existiu na literatura, as mulheres são sempre caracterizadas como “um ser frágil, lânguido, doentio, necessitando de repouso e com força de vontade um tanto paralisada, incapaz para a vida”, que durante o pré-romantismo e romantismo foi admitido como critério de beleza feminina, ao qual se “acrescentaram ainda a doença, destruição, morte e tragicidade misteriosa”, tornando a delicadeza e suavidade um traço mais importante destas etéreas figuras femininas”. Taunay usa esse critério de beleza para descrever Inocência e essa característica torna–se acessório imprescindível para que Cirino se apaixone por sua paciente.

Como se pode ver essa delicadeza e fragilidade física de Inocência também estão relacionadas à sua condição submissa, pois ela vive sob a dominação masculina de seu pai Pereira e de Manecão seu noivo. Essa característica física seria o que se chama de corpo disciplinado, Inocência cresce sendo educada pelo pai, perde muito cedo a mãe o que torna Pereira, único responsável por sua formação, essa forma física reflete o eu interior de Inocência. Taunay cria a personagem para dar ênfase à condição de submissão, fica muito clara essa simbologia do corpo com a personalidade.

Nas constatações de Foucault (1987, p. 118), fica nítido que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações, caracterizando o que chama de corpo disciplinado”. Como é o caso de Inocência que vive de forma segregada, limitada apenas aos deveres domésticos e a algumas partes da casa e sem acesso a educação, proibida de viver seu amor por Cirino, sendo obrigada a acatar a escolha do pai de forma passiva, tendo que se manter casta, obedecendo aos valores do mundo familiar rústico sob a autoridade paterna e aos direitos do noivo.

No romance é bem visível a oposição do comportamento feminino e masculino. Enquanto Inocência é mantida em clausura, seu irmão vive a liberdade plena, como era comum na família da época é ele quem decide seu próprio destino, ao contrário do que acontece com a protagonista, nota-se que ele é citado no enredo e que mantém uma relação distante do pai, essa liberdade reforça o enclausuramento da personagem feminina é reiterada pelos demais personagens da obra: Cirino viaja por vários lugares exercendo sua profissão, Meyer viaja em busca de espécies desconhecidas, e o próprio Manecão vive de forma nômade como é típico do homem sertanejo Inocência, por sua vez precisa de permissão do pai para locomover-se até mesmo dentro da própria casa.

Inocência pede ao pai para visitar a madrinha, o mesmo consente a visita, mas a acompanha, pois ela vive cercada de suspeições a todo o momento, por ser mulher ela é vista como um ser frágil, não apenas fisicamente, mas também moralmente a ponto de ser corrompida e se desviar dos valores morais, e por isto não poderia transitar sozinha pelas ruas, caso isso acontecesse não seria bem vista pela sociedade. “Eu bem a não queria levar até lá; mas ela pediu tanto que consenti! Demais era para ver a madrinha, uma boa senhora, de muita circunstância, a mulher do major Melo Taques ...” (TAUNAY,2004, p. 23).

Em todo o romance a mulher é retrata da como um ser que precisa ser preservado, não como algo precioso, mas sim como algo não confiável que deve ser detido, neste caso a única solução seria o casamento. Pereira deixa bem claro o seu pensamento com relação às mulheres:

> [....] mulheres numa casa, é coisa de meter medo.... Com gente de saia não há de se fiar... Cruz! botam famílias inteiras a perder[...] mas também é preciso dar asas a formigas...Quando elas ficam taludas, atamanca-se uma festança para casá-las com um rapaz decente ou algum primo, e acabou a história.(TAUNAY, 2004, p.36-37)

São elas as causadoras da perdição dos homens e não se pode confiar nelas e, mais ainda, de que o estudo seria uma forte arma em suas mãos. Neste caso a analogia feita entre o casamento e a educação é bem clara, o casamento seria uma forma de detenção da mulher como um ser pensante e independente, caso esta tivesse acesso ao estudo seria uma ameaça aos homens, pois a aquisição de conhecimento geraria a liberdade da mulher.

Ainda no sexto capítulo, essa questão fica bem clara quando Inocência pede ao pai para lhe ensinar a ler e diz que gostaria de ser princesa, desse modo pode se fazer uma relação entre o termo *ler* e o ato de ser *princesa* como forma de dominação sobre o homem, a própria Inocência afirma que a princesa tem coroa e manda nos homens, a coroa na cabeça seria a representação de poder que está relacionada ao saber. Daí a justificativa do medo que o homem tem a respeito de dar a mulher acesso aos estudos, uma vez que o saber está relacionado à aquisição de poder.

> [.....] Aqui, havia um livro de horas da minha avó... Pois não é que um belo dia ela me pediu que lhe ensinasse a ler?... Que idéia! Ainda há pouco tempo me disse que queria ter nascido princesa....Eu lhe retruquei: E sabe você o que é ser princesa? Sei, me secundou ela com toda a clareza, é uma moça muito boa, muito bonita, que tem uma coroa de diamantes na cabeça, muitos lavrados no pescoço e que manda nos homens....Fiquei meio tonto. (TAUNAY, 2004, p. 39)

Outra analogia é possível quando se associa essa narrativa ao universo das histórias infantis, pois há, nessas histórias, a mediação mágica feita pela fada madrinha. Em *Inocência*, essa mediação é feita por Antônio Cesário a quem Inocência pede para intervir na decisão do pai. Isso, no entanto, pode apontar outra peculiaridade dessa obra de que o número de mulheres no romance é limitado, pois são poucas as personagens femininas, e o papel tradicionalmente atribuído à mulher desde os contos primitivos, foi ocupado por um homem, reforçando assim à dependência feminina da ajuda dos homens. Portanto, elas pouco aparecem e não tem um discurso direto, é sempre o homem seu porta voz. Observa-se essa leitura no seguinte excerto : “Ah! Meu Deus, se o padrinho quisesse!...[...] Se dissesse uma palavra [...]-Pois bem... Leve com mecê a certeza; minha vida ou minha morte depende do padrinho...” (TAUNAY, 2004, p.114-115)

A mulher sempre foi representada pelo gênero masculino, tanto na vida fictícia quanto na vida real, e quando tentou dar voz aos seus pensamentos foi calada de forma bruta sempre com o uso da força, quando filha, era coibida pelo pai e depois de casada, pelo marido. Com Inocência não é diferente, no vigésimo nono capítulo ela sofre uma agressão pelo pai quando decide que não quer casar-se com Manecão:

> - Eu? Casar com o senhor?! Antes uma boa morte!...Não quero... não quero...Nunca...nunca...
> [...] O pai agarrara-a pela mão, obrigando-a a curvar-se toda.
> ..... Depois, com violento empurrão, arrojou-a longe, de encontro com à parede.

> ..... Caiu a infeliz, com abafado gemido e ficou estendida por terra, amparando o peito com as mãos. Mortal palidez cobria-lhe as faces, e de ligeira brecha que se abrira na testa deslizavam gotas de sangue. (TAUNAY, 2004, p.138)

O ferimento – corte na cabeça – simboliza, nessa leitura, a circuncisão de seu pensamento, tirando a ideia de que ela poderia tomar qualquer decisão sobre sua vida sem a permissão do pai e de seu noivo Manecão. Dessa forma cortam-lhe a voz e o pensamento de liberdade. Neste momento em que Inocência se rebela, ela acaba quebrando o código de honra que fora feito entre Pereira e Manecão e para limpar a honra seria necessário matar o causador de tal vergonha e desgraça, diante disto temos um final trágico, tendo a figura da mulher como causadora de todos os males que caem sobre os homens, Inocência é a desencadeadora de toda a desgraça entre os homens que viviam em sua volta, a desonra do pai e de seu noivo e a morte de seu amado Cirino.

4. *CAPITÃES DA AREIA*, DE JORGE AMADO

A obra de Jorge Amado é carregada de aventuras, dramas e um lirismo que poucos escritores conseguiram alcançar dentro da literatura, que reflete a luta pelos direitos de igualdade e a compreensão apaixonada dos dramas humanos por qual Jorge Amado se comprometeu ao longo de sua vida.

Jorge Amado usa um discurso popular que por muitas vezes foi considerado alvo de críticas, pois a sua linguagem é considerada chula, na verdade o que o autor tenta fazer no uso desse discurso é acentuar a realidade de suas personagens. Em *Capitães da Areia*, essa linguagem reproduz o falar daqueles que vivem sem o mínimo possível como educação e saúde.

Capitães da Areia è um romance que documenta a vida de um bando sistematicamente organizado de meninos abandonados nas ruas de Salvador que, liderados por Pedro Bala, armados à faca viviam de pequenos furtos, que veem em Dora a figura maternal, sendo para Pedro a figura de noiva e depois esposa. O livro é dividido em três partes, na primeira parte o autor tenta dar veracidade aos fatos quando apresenta a narrativa em forma epistolar relatando um roubo feito pelos Capitães na casa de umas das ilustres personas da elite social de Salvador. Jorge amado descreve não somente a beleza da cidade, mas também a realidade vivida em

uma época de ditadura e opressão de um povo que vivia as mazelas de uma sociedade preconceituosa e cheia de injustiças sociais.

Antes de Dora, a figura da mulher era hostilizada no bando. Para os meninos, a mulher servia apenas como meio satisfazê-los sexualmente. Percebe-se que, mesmo sem qualquer instrução familiar ou qualquer educação aprendida/ensinada, os meninos trazem consigo um comportamento machista, reproduzindo certo senso comum de que as mulheres são inferiores ou devem ser tomadas apenas como objeto sexual. Isso acontece com Dora, quando foi convidada para morar no velho trapiche por Professor e João Grande, os meninos tentam agredi-la sexualmente e a comparam com comida que deveria ser dividia entre eles, chegam mesmo a travar uma disputa.

Ao entrar no trapiche, Dora começa a ser avaliada, “quem é essa lasca” “é um peixão”, “tá tudo como urubu em cima da carniça,” “tu tá pensando que a comida é pra tu”, “ela tem que ser pra todos, já tem peitos”, era dessa forma que era vista como uma de suas mercadorias furtadas que todos tinham parte sobre ela.

> Boa vida estava diante deles. Sem-Pernas vinha coxeando, e os outros logo atrás, os olhos estirados para Dora.[...] Dora via o grupo avançar [...] Um soluço a sacudiu e deteve um momento os meninos.[...] Continuaram avançando. (AMADO,1994,pp150-151)

O comportamento machista do bando deixa evidente que a mulher está relacionada a um ser desprezível que apenas serve para satisfazer os desejos sexuais. Dora faz parte da grande estatística de personagens escritas por homens, ela pertence a uma classe social pobre é semianalfabeta, que depende economicamente de outrem.

Assim como Deus criou Eva para ser companheira de Adão, uma companheira em quem pudesse se apoiar, Jorge Amado cria Dora para Pedro Bala e a introduz no pequeno “Éden” dos Capitães para que esta seja sua companheira. É idealizada e predestinada dentro da narrativa, onde passa a ocupar os cargos de mãe, irmã e noiva e depois o cargo máximo de esposa, são essas as menções feitas a ela quando surge na narrativa. Mesmo que seja uma personagem de um mundo imaginário ela não difere das do mundo real, desse modo pode se fazer uma comparação entre os dois mundos que são sistematizados por homens que determinam quais as funções que a mulher deve ocupar dentro da sociedade.

Dora é alvo de duplo preconceito: a sociedade a discrimina por ser pobre; e, o bando, por ser mulher. Dora é rejeitada pelos capitães da areia por ser menina: "- Amanhã ela vai embora. Não quero menina aqui". (AMADO,1994,p.153)

Segundo as palavras do personagem Pedro Bala, Dora não pode permanecer entre o grupo por questões biológicas, relacionadas ao gênero. Mesmo que ainda sejam meninos, carregam consigo o pensamento machista, no que permite acentuar que é da natureza masculina excluir a mulher, parece que essa ideologia de discriminação, já está internalizada em seu ser, e que a própria mulher aceita também de forma natural essa sujeição, como pode se comprovar na fala da própria Dora. "- Não – disse Dora: - Eu fico e ajudo vocês... Eu sei cozinhar, coser, lavar roupa". (AMADO,1994,p.153)

Dentro do grupo, Dora passa a assumir as funções domésticas como forma de contribuição, para poder ser aceita, ela oferece seus atributos, e começa a cozinhar, lavar e coser. Os serviços domésticos foram sempre vistos como a única forma de contribuição que a mulher podia oferecer e exercer dentro de uma sociedade, ao contrário do homem que exerce funções fora do espaço domiciliar.

Portanto Dora é construída com aura de pureza e doçura, sendo um ser dependente, passivo e altruísta. Ela se preocupa com o destino do irmão depois da morte de seus pais, por isto decide sair em busca de emprego para poder sustentar seu irmão que passa ser sua responsabilidade.

> Dora não soluçava. Corriam as lágrimas pelo seu rosto, mas enquanto o caixão descia ela pensava era em Zé Fuinha, que pedia o que comer. O irmãozinho chorava de fome.
> [...] Dora tomou o irmão pela mão e desceu pela cidade... Ela arranjaria um emprego de copeira numa casa. (AMADO,1994,p. 143-144)

Ao contrário da personagem feminina, pode se observar que os personagens masculinos possuem outras características, mesmo que sejam crianças, são ativos, independentes, agressivos e competitivos, representam força e heroísmo. "È uma menina. Mas ninguém toca nela. Quem quiser, que venha... - Tem medo não. Ninguém toca em você. Todo temor, todo cansaço tinham desaparecido. Porque confiava em Pedro Bala." (AMADO,1994,p.153)

Dora faz a representação da mãe carinhosa que cuida das tarefas domésticas. Mas que acaba rompendo esse campo de divisões entre os gêneros, no momento em que resolve trocar o vestido pelas calças e vai "trabalhar" (roubar) junto com o bando.

> Como o vestido dificultava seus movimentos e como ela queria ser totalmente um dos Capitães da Areia, o trocou por umas calças que deram a Brandão numa casa da cidade alta. As calças tinham ficado enormes para o negrinho, ele então as ofereceu a Dora. Assim mesmo, estavam grandes para ela, teve que as cortar nas pernas para que dessem. Amarrou com cordão, seguindo o exemplo de todos, o vestido servia de blusa. Se não fosse a cabeleira loira e os seios nascentes, todos a poderiam tomar como um menino, um dos Capitães da Areia. (AMADO, 1994, p.162)

Essa simbologia da vestimenta masculina pode ser vista como uma forma da mulher se igualar ao homem na frente de trabalho. Assim como Joana D'Arc que foi queimada por usar roupas masculinas e se armar e lutar como líder a frente de batalha, passando a se comportar como homem, e mais ainda por obter sucesso onde outros líderes do sexo oposto não tiveram. Dora também rompe com as ordens naturais das coisas, ou melhor, com as divisões de valores que designam o campo de ações que devem ser exercidos por homens e mulheres.

> - Tu não tá vendo que não pode? Que isso não é coisa para menina. Isso é coisa para homem.
> - Como se vocês fosse tudo uns homão. É tudo uns meninos. Pedro Bala procurou o que responder:
> - Mas a gente veste calça, não é saia...
> - Eu também – e mostrava as calças. (AMADO,1994,p.162)

Nesse contexto a calça seria a representação do trabalho fora de casa como domínio masculino, por isto que Dora deve ter a permissão de Bala para poder participar nas atividades do bando. Uma vez que os Capitães da Areia são outra sociedade, um microcosmo social, que também possuía seus códigos de honra e criava suas Leis, baseado em conceitos machistas, que classificam os sexos pela vestimenta, mais uma vez a mulher é posta à margem pela representação Biológica e física de seu sexo.

> - Tu vai ver como eu vou ser igual a qualquer um...
> - Tu já viu uma mulher fazer o que um homem faz? Tu não aguenta um empurrão....
> - Posso fazer outra coisa. (AMADO,1994,p.163)

Diante dessa conjuntura de oposições dos sexos, pode-se fazer uma leitura de que a mulher está sempre ligada a sua condição física e que não pode exercer funções que sejam do âmbito masculino, porque sua fragilidade supera a sua inteligência. No entanto Dora ultrapassa esse limite no momento em que ela aprende a roubar, e se

mostra um ser inteligível capaz de aprender e aprende como se pode comprovar na fala do narrador “era ágil como os mais ágil”.

Após a permissão dada por Bala, Dora passa a assumir os mesmos direitos que o restante do grupo, também se torna provedora do lar e contribuinte dentro da sociedade em que vive. Nesse momento, ao se integrar ao grupo, praticando as mesmas ações (furtos), ela deixa de ser vista como “mãe” para se tornar “irmã”.

> Andava com eles pelas ruas, igual a um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimiga. Agora a amava também, aprendia a andar em becos, nas ladeiras, a pongar nos bondes, nos automóveis em disparada. Era ágil como o mais ágil. (AMADO,1994,p.163)

A palavra “irmã” pode ser lida neste ângulo como sinônimo de igualdade que é estabelecida entre Dora e os demais, neste mesmo momento Dora torna-se a primeira Capitã da Areia. Assim como o termo *cidadão* não flexionava para o sexo feminino distanciando a mulher da participação democrática do voto, no século XIX, o termo *Capitão* também não flexionava para Dora porque ela não participava das atividades do grupo, e no momento que ela veste a calça e sai pelas ruas de Salvador com Pedro bala e os outros integrantes, o termo “capitães” passa a designar de forma genérica todos que integram o bando, sem distinção de sexo, ou seja, capitães se referem aos capitães (os meninos) e à capitã (Dora).

5. INOCÊNCIA E DORA: SIMBÓLICAS E SIMBOLIZADAS

Nos romances analisados é possível perceber como se estabelece a relação tensa entre ficção e realidade. Isso porque ambos os autores partem para a criação de um mundo através da linguagem. Taunay e Jorge Amado tentam retratar valores sociais e culturais, rompendo com o purismo gramatical da Literatura Brasileira. Em *Inocência* a fala caipira caracteriza a cor local do interior do sertão sertanejo, já em Capitães da Areia, o uso do discurso popular caracteriza questões sociais.

Em Inocência:

> - Nhor-sim, balbuciou a enferma.
> - Não lhe dói a luz nos olhos? Perguntou Cirino, achegando-lhe a vela ao rosto.
> - Pouco... -um nadinha. (TAUNAY,2004,p.40)

Em *Capitães da Areia:* "- Diz que vocês têm uma putinha lá pra todo mundo..." (AMADO,1994,p.164).

Assim em meio a esse mundo imaginário de Taunay e Jorge Amado, encontramos duas imagens femininas, Inocência e Dora. Tanto Inocência quanto Dora são personagens idealizadas por seus autores, são mulheres criadas a partir de imagens que os autores imaginavam, ou gostariam que as mulheres fossem, ambas vivem em um mundo sistematizado por homens, elas não são uma imagem verdadeira elas apenas reproduzem alguns aspectos da mulher real. Tais mulheres:

> São o resultado de um processo discursivo, estão impregnadas dos valores que organizam o ponto de vista de seu criador. Não são elas tais e quais as suas correspondentes de carne e osso, ainda que as mesmas o desejassem, bem como os seus progenitores. São apenas e limitadamente, uma imagem de como seus criadores gostariam que elas fossem no plano que costumamos chamar de real. (RIBEIRO, 2000, p. 138).

As duas são construídas em volta de simbologias que caracterizam seus nomes, corpos e personalidades. Inocência e Dora possuem nomes que as significam. Inocência, que significa candura, pureza e ingenuidade, está relacionada ao meio em que vive. Dora é ouro encontrado pelos capitães, é a luz em meio às trevas.

O corpo de Inocência reflete sua personalidade frágil devido a criação que teve pelo pai. Já o corpo de Dora embora seja frágil reflete uma personalidade forte que ela cria para garantir sua sobrevivência, e a de seu irmão.

Tanto Inocência quanto Dora pouco possui voz ativa. Quando as duas tentam se manifestar são coibidas. Assim como Inocência é podada pelo pai quando tenta falar, Dora é reprimida pelo sistema quando tenta "trabalhar" (roubar) ao ser presa quando praticava a ação. As duas acabam tendo um final trágico, e passional, tendo a morte como redenção

Inocência morre e é imortalizada pelo autor no último capítulo quando Meyer dá a sua descoberta o nome de "*Papilio Innocentia"* .É a liberação de Inocência, uma vez que a borboleta simboliza a transição de uma vida para outra, é símbolo de ressurreição da alma liberta. Nesse contexto a redenção significa a recuperação do amor perdido em vida. Inocência se junta ao seu amado para toda a eternidade.

> "O nome, acrescentava à folha, dado pelo eminente naturalista àquele soberbo espécime foi graciosa homenagem à beleza de uma donzela

> (Mädchen) dos da província do Mato Grosso (Brasil), a criatura segundo conta o Dr. Meyer, de fascinadora formosura. Vê-se, pois, que também os sábios possuem coração tangível e podem, por vezes usar a ciência como meio de demonstrar impressões sentimentais de que muitos não o julgam suscetíveis."
> Inocência coitadinha...
> Exatamente nesse dia fazia dois anos que o seu gentil corpo fora entregue à terra, no imenso sertão de Sant'Ana do Parnaíba para ir dormir o sono da eternidade.(TAUNAY,2004,pp.147-148)

Dora, também morre e vira uma estrela onde o próprio Jorge Amado a intitula, "*Como uma estrela de loira cabeleira*.", sendo a estrela o símbolo da manifestação central da luz, entre a *Terra* e o *Céu*, ela representa o homem regenerado, radioso com a luz em meio as trevas. Dora vira a estrela guia de Pedro Bala, ela vira sua fonte de luz em meio a sua luta sindicalista.

6. Considerações finais

Inocência e Dora são construídas a partir do ponto de vista de seus criadores, são idealizadas e estereotipadas, sendo dependente de uma figura masculina para dá ênfase a sua existência. Ambas são voltadas para os deveres domésticos. Inocência personifica a filha obediente e pura. Dora é imagem da mãe, irmã e esposa carinhosa e dedicada. São passageiras de uma voz que não é sua, uma vez que o texto é a reprodução de desejos, e ideologias, de um eu inconsciente de seus autores. Afinal, como diz Lygia Fagundes Telles, a respeito das mulheres "Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos."

REFERÊNCIAS

ABDALA JR. Benjamin; CAPEDELLI, Samira Youssef. **Tempos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Círculo do livro, [S/d].

AGUIAR, Neuma. **Gêneros e ciências humanas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. Coleção de Gênero. Vol. 5.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Ática, 1985.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 78. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

BARBOSA, Paulo Corrêa. **Nísia Floresta**: uma mulher à frente de seu tempo: almanaque histórico. Brasília: Mercado Cultural, 2006.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BRANCO, Lúcia Castelo; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro:

CANDIDO, Antonio et.al. **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 14. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Sciliano, 1993.

_____, Nelly Novais. **Literatura infantil**: 6. ed. rev. São Paulo: Ática,1993.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes,1987.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

GOMES, Laurentino. **1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganou Napoleão e mudarão a história de Portugal e do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Planeta, 2009.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média.** 2. ed. São Paulo: Contexto,1992. Coleção repensando a história geral.

MICHEL. Andrée. **O feminismo**: uma abordagem histórica. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MURARO, Rose Marie; PUPPIN, Andréa Brandão (org.). **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

NITRINI. Sandra. **Literatura Comparada**: história, teoria e crítica. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000.

NYE, Andréa. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

ROCHA, Patrícia. **Mulheres sob todas as luzes:** a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2009.

SAMUEL, Rogel. **Novo Manual de Teoria Literária**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

TAUNAY, **Visconde de. Inocência**. 29. ed. São Paulo: Ática, 2004.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino**. Florianópolis: Mulheres, 2007.